

De como produções de outros países podem nos ajudar a olhar a diferença na literatura infantil¹

Rosa Maria Hessel Silveira²

Resumo

Considerando a atualidade da temática das diferenças e o papel da literatura infantil na produção de sujeitos, o trabalho tem como objetivo analisar e discutir obras de literatura infantil que tematizam a diferença e são usadas em escolas portuguesas, buscando em tal exame elementos que aprofundem a questão também no contexto brasileiro. O critério para escolha das obras foi sua presença em listas de livros recomendados pelo Plano Nacional de Leitura português e/ou referência a uso efetivo com alunos por professores portugueses entrevistados. São assim analisadas as obras *Os ovos misteriosos*, *Tudo ao contrário* e *Seis histórias às avessas*, da autora portuguesa Luísa Ducla Soares; *Elmer*, de David McKee, obra também traduzida e editada no Brasil, e *Por que somos de cores diferentes?*, obra traduzida a partir de original espanhol de Carmen Gil.

Palavras-chave: diferença, literatura infantil, ficção

How can productions of other countries help us look at the difference in children's literature

Abstract

Considering the relevance of the theme of the differences and the role of children's literature in the production of subjects, the study aims to analyze and discuss titles of children's literature which focus the difference and are used in Portuguese schools seeking in such examination elements that deepen also the question the Brazilian context. The criteria for choice of titles was their presence on lists of recommended books by Portuguese National Reading Plan and / or reference to effective use by Portuguese students by means of interviewed teachers. Thus, titles analyzed are *Mysterious Eggs*, *All on the contrary* and *Six contraries stories*, by the Portuguese author Luisa Soares Ducla; *Elmer* by David McKee, title also translated and published in Brazil; and *Why are we different colors?*, translated from the original Spanish by Carmen Gil.

Keywords: difference, children's literature, fiction

¹ O presente trabalho se beneficiou de Bolsa de Pós-Doutorado proporcionada pela CAPES à autora, no período de outubro de 2007 a fevereiro de 2008, com estágio realizado na Universidade de Lisboa, sob a orientação do prof. Dr. Jorge Ramos do Ó.

² Doutora em Educação pela UFRGS, professora permanente do PPG em Educação da Ulbra e professora colaboradora do PPG em Educação da UFRGS. Bolsista produtividade do CNPq.

ESTABELECENDO O CONTEXTO DO ESTUDO

As “diferenças”, a “alteridade” ou “outridade”, a “pluralidade cultural” são temáticas na ordem do dia do panorama educativo e social, não só no Brasil, mas em quase todo o mundo ocidental e dão origem a diversos tipos e gêneros de textos – legislativos, científicos, de divulgação, debates, etc. Antes confinadas em espaços específicos de discussão – discutia-se o “racismo” (ou, como se disse num determinado momento, o “preconceito de cor”), a reabilitação e integração dos indivíduos “deficientes” (e aí a visão clínica preponderava), o “feminismo”, o homossexualismo (este, à boca pequena, visto como desvio, ou até como aberração), a pobreza (como fardo do destino?), a obesidade, as origens geográficas, etc... de forma mais ou menos estanque, com tratamento variado dentro da escola – tais temáticas ganharam uma espécie de unificação englobadas sob o foco mais geral do binômio identidade-diferença. Em especial, no campo dos Estudos Culturais em Educação, espaço teórico onde teço este trabalho, as questões da identidade e da diferença se tornaram candentes e centrais nos últimos anos, principalmente a partir de novos entendimentos advindos da chamada “virada lingüística”, conforme a qual já não se entende mais a linguagem como lente – mais ou menos ajustada – do real, mas sim como constituidora do próprio real. Neste sentido – e a discussão tem adquirido contornos polêmicos – se não se nega a algumas “diferenças” a materialidade das marcas corporais e do “funcionamento social”, certamente o peso maior em sua constituição é o que vem do discurso e dos processos culturais, em que “diferenças” e “identidades” são descritas como dois lados de uma mesma estratégia (SILVA, 2000, p. 92 e ss.)

É importante assinalar que, ao mesmo tempo que, se em alguns campos teóricos, houve essa espécie de “unificação” da diferença, também

começou-se a praticar um jogo bem diferente nas ciências sociais e humanas: a tendência a uma subcategorização cada vez mais sofisticada das mínimas parcelas em que a exclusão podia ser identificada, delimitada (...) e inclusive autorizada. À lista tradicional dos excluídos de sempre – isto é, imigrantes, mulheres, índios, pobres, deficientes, mendigos vagabundos, meninos e meninas de rua, delinqüentes, marginais, viciados, *gays* e lésbicas (...) – foram sendo agregadas outras listas para que todos tivessem à disposição seu próprio *fragmento e/ou parcela de exclusão*: por exemplo, os excluídos da abstração, da interatividade homem-máquina, da velocidade de resposta à informação, entre muitos (SKLIAR, 2003, p. 89)

Multiplicaram-se as diferenças? Qual a consequência dessa multiplicação e proliferação? E como tem sido tratada pela escola tal proliferação? Como se conecta tal multiplicação com os processos institucionais apregoados de “inclusão”? Pode-se apagar a diferença, ignorá-la, normalizá-la? A reflexão de Silva (2000) é oportuna neste sentido:

O outro cultural é sempre um problema, pois coloca permanentemente em xeque nossa própria identidade. A questão da identidade, da diferença e do outro é um problema social, ao mesmo tempo que é um problema pedagógico e curricular. (...) É um problema pedagógico e curricular não apenas porque as crianças e jovens, em uma sociedade atravessada pela diferença, forçosamente interagem com o outro no próprio espaço da escola, mas também porque a questão do outro e da diferença não pode deixar de ser matéria de preocupação pedagógica e curricular. (p. 97)

Já se nos voltarmos para a literatura infantil, devemos registrar a emergência, no panorama pedagógico brasileiro das últimas décadas, do chamado “discurso renovador da leitura na escola”, o qual, emanado principalmente das esferas acadêmicas, penetrou os documentos oficiais, as recomendações curriculares, as revistas de divulgação pedagógica e mídia, os cursos de formação de professores, e constituiu, a partir de meados dos anos 80, o discurso hegemônico sobre as relações entre leitura, currículo e escola. A partir de um diagnóstico – a crise do ensino tradicional e da leitura – e de uma verdade inquestionada – a leitura como um bem precioso, propunha-se um conjunto de soluções baseado principalmente na valorização do gosto e interesse pessoal do aluno, na idéia de leitura como fruição – alude-se ao famoso “prazer da leitura”- e na multiplicidade de material de leitura disponível. A emergência de uma literatura infantil “moderna”, “emancipatória” se encaixava à perfeição neste discurso e tal entendimento – entre outras condições de possibilidade – permitiu uma grande explosão editorial na área da literatura infantil.

Já a análise do panorama educacional português e espanhol também nos mostra essas mesmas tendências discursivas – o discurso da crise da leitura, a culpabilização da escola tradicional, a ênfase à continuidade e variedade da leitura da criança e do jovem aluno, embasando-se a recomendação de práticas escolares sobretudo na expressão já cristalizada “prazer de ler”. Colomer (2003, p.163), em sua ampla análise da literatura infantil ocidental, a partir do reconhecimento de que “a função educativa [dos livros para crianças] se adapta às mudanças sociais”, registra que “o peso desta questão foi diminuindo

durante o século XIX e ainda no século XX, para ir aceitando, progressivamente, as funções de entretenimento e ócio”. Mas, argutamente, observa:

Sua [da literatura infantil] destinação à infância, ou seja, a um setor social em fase de formação e aprendizagem, impõe restrições de dois tipos a estes textos: em primeiro lugar, na maneira como a obra apresenta, caracteriza e julga o mundo, já que se trata de oferecer aos leitores modelos de conduta e de interpretação social da realidade; e, em segundo lugar, na maneira como se configura a criança-leitora implícita, já que se deve atender o nível de compreensibilidade dos textos, segundo a competência literária que nela se pressupõe.

Ou seja: mesmo a literatura infantil produzida nos anos mais recentes, que se pretende “não pedagógica”, “não moralizante”, carrega consigo representações de mundo, consciente ou inconscientemente nela plasmadas pelo autor, assim como não pode sofisticar demais seus recursos formais, sob pena de ser rejeitada pelo leitor infantil. Por outro lado, a autora pontua o que chama de “estado ambivalente do destinatário”, isto é: “os autores dos livros infantis têm que resolver a contradição que supõe a criação de textos que, embora destinados às crianças, são sancionados pelos adultos”. Essa dupla função – agradar as crianças e ser aprovada pelos adultos – possivelmente está na raiz da emergência, na literatura infanto-juvenil mais recente, de temáticas palpitantes, como a questão ecológica, questões de violência e, no que aqui nos interessa, na problematização das diferenças.

Também nesse momento relembramos a centralidade, para as análises, de um elemento da gramática narrativa: os *personagens* das histórias - importante esteio de apreciação e rememoração das histórias. Valemo-nos mais uma vez de Colomer (2003, p.201), quando a mesma observa que os personagens devem ser vistos como “suporte fundamental dos valores propostos e da interpretação da obra”, e importam porque involucram ora uma “proposta de identificação através de protagonistas infantis” ora a proposição de “modelos adultos”. As diferentes formas como os personagens são construídos, como agem, contra quais antagonistas atuam, por exemplo, são dimensões que nos permitem analisar que representações de “diferentes” estão sendo veiculadas em tais livros; some-se a essa análise, o necessário olhar para o desfecho da trama, que oferece o apaziguamento das tensões, a resolução do nó narrativo, enfim, a saída do problema, ou por seu desaparecimento ou pela sua assunção, como ainda sugere a autora espanhola. De maneira especial, os desfechos ensinam “o que acontece se... OU quando...”.

Pois bem: como esta literatura, tão presente no espaço escolar, à qual se atribui o poder de fascinar e entreter, tem refratado, replicado, desviado ou camuflado a questão das diferenças em relação a uma norma? Como tem logrado tematizar tais diferenças, entendido que, a partir de seu caráter lúdico e sedutor, produz subjetividades, retrata caracteres, provoca entendimentos e aprendizagens? Tem se valido de ficções de caráter realista, retratando personagens com diferenças que provocam discriminações “reais”- surdos, negros, ciganos, homossexuais, cadeirantes, cegos, pobres? Ou tem lançado mão, preferencialmente, do fantástico, do maravilhoso, do metafórico para simbolizar as diferenças, em uma forte tendência já constatada, em especial para leitores iniciantes?

Ainda sobre as relações entre literatura infanto-juvenil e a questão da diferença, lembremos Amaral (2002, p.41), que, em sua tese, analisou 47 histórias da literatura infanto-juvenil de autores brasileiros dos 70 a 90, “com personagem significativamente diferente no aspecto corporal”. Para analisar tais personagens, Amaral (2002, p. 41) utilizou três eixos básicos: a gênese da deficiência; o *status* do personagem (estereotipia em vítima, herói ou vilão; presença constante de sentimentos de tristeza, desgosto, solidão, conformismo, desamparo, desesperança; presença de características nitidamente compensatórias) e o desfecho da história (eliminação ou não da diferença ou do diferente, pela “cura” ou normalização, etc). Em estudo por nós realizado (SILVEIRA, 2003), em que analisamos 10 obras infantis que circulam no mercado brasileiro, encontramos, de forma panorâmica, as seguintes tendências de “solução” da problemática do deficiente/diferente: a resolução pelo sentimento, pela amizade ou pelo amor; a inserção do diferente em grupos de também diferentes; a aceitação da diferença ora pelo próprio personagem ora pela família e, em menor quantidade, a solução das dificuldades por virtudes compensatórias, que parece ter dado lugar à aceitação da diferença, a aprendizagem de superação das dificuldades do cotidiano e, em alguns casos mais específicos, a importância da adesão a um grupo de diferentes, ainda que com matizes e compreensões diferenciadas.

O CONTEXTO DAS OBRAS ANALISADAS

É a partir do panorama brevemente traçado que propomos o objetivo do presente estudo: focalizar a “diferença” em livros infantis utilizados por crianças portuguesas em escolas públicas daquele país. Na medida em que há uma convergência em tendências da produção para crianças no mundo ocidental – observe-se que um dos livros que analisaremos, tradução de autor britânico, é obra também publicada no Brasil e informações dão conta de que

ele já teria tido uma tiragem de 2 milhões de exemplares no mundo – e, em especial, há um intercâmbio mais acentuado entre o Brasil e Portugal, julgamos fecunda uma análise que nos permita multiplicar os olhares sobre a temática.

A escolha das obras tomou como referência o seu uso efetivo, apontado por duas instâncias. Ou a obra faz parte de uma das listas de livros recomendados para o ano letivo 2007-2008, pelo Plano Nacional de Leitura do Ministério da Educação e do Ministério da Cultura lusos, ou foi referida por um ou mais professores entrevistados por nós como sendo trabalhada e apreciada por seus alunos do 1º ciclo ou pré-escola. Observe-se que o caráter das listas portuguesas é diferente do PNBE brasileiro, uma vez que nem as escolas nem os alunos recebem um conjunto de títulos (as diferentes listas somam 1695 títulos, mas há muitos repetidos); conforme informações obtidas, as listas constituem referência para que as escolas – ao receberem verbas das câmaras municipais para aquisição de livros – escolham títulos para comprarem em número suficiente para suas turmas.

O exame detalhado que realizamos das listas e de uma quantidade regular de títulos nelas constantes, entretanto, assim como as informações prestadas pelos professores entrevistados, não nos apontou um grande número de obras que tematizassem a diferença. Obviamente, não temos aqui a pretensão de afirmar que são apenas essas – as obras que passamos a analisar – as que abordam tal temática, mas, de qualquer forma, vale registrar a sua aparente escassez. Observe-se, ainda, que há, nas bibliotecas e livrarias portuguesas, uma grande proporção de obras infantis, de forma muito mais expressiva do que no Brasil, talvez em função de um maior número de autores brasileiros para crianças e de uma proximidade maior de Portugal com as culturas européias. De qualquer forma, num país em que, conforme se sabe, o número de migrantes é expressivo e crescente e tem havido um esforço significativo de atendimento de crianças migrantes (com outras etnias, procedências, culturas) – de 1ª ou 2ª geração – na rede de ensino, não deixou de nos surpreender a presença pouco expressiva de obras que tematizassem tais questões.

DIFERENÇA: FANTASIA, REALISMO E DIDATISMO

Autora das mais conhecidas no panorama da literatura infantil portuguesa atual, Luísa Ducla Soares tem prateleiras com seu nome nas livrarias e espaços cativos nas bibliotecas escolares e públicas. Florêncio, em artigo intitulado “O elogio da diferença na obra de Luísa Ducla Soares”

(2002), relembra algumas características da já extensa e reconhecida obra da autora à época (então, somavam cerca de 50 volumes), afirmando que é comum que se ressaltem nela “a irreverência, o humor, o espírito crítico e o aturado trabalho formal”(p.3). Observa, ainda, a crítica literária e formadora de professores que “a adesão dos pequenos leitores a esta escrita é, diz-nos a experiência, imediata, incondicional e constante”. Em sua análise de vários textos de Luísa Soares (que apenas em parte coincidem com os da nossa análise), Florêncio (2002, p.6-8) destaca outros tópicos:

Validar todas as formas de vida e não só uma; não julgar, nem destruir as experiências que nos são estranhas; não cair no erro de pensar os outros segundo os parâmetros dos nossos hábitos, da nossa cultura – eis o que transparece nos textos de Luísa Ducla Soares. (...) A leitura que fiz da obra (...) leva-me, por consequência, a afirmar que, mais do que aceitar a diferença, mais do que apelar à tolerância, o que aqui temos é um bem-haja, muito digno, aos que são diferentes, um elogio, muito terno, à vida.

Para a nossa análise, nos debruçamos sobre três obras da autora constantes das listas dos PNL: *Os ovos misteriosos*, *Seis histórias às avessas* e *Tudo ao contrário*. Em todas elas, trabalha-se no plano do maravilhoso ou, se quiserem, com uma certa forma de realismo mágico, no qual, a partir de elementos tanto da literatura tradicional (personagens princesas, sereias que adentram o mundo humano, situações como a da ave que se surpreende com o que nasce dos ovos que choca...) quanto da contemporaneidade (computadores, exploração mercadológica de excepcionalidades), a autora constrói situações inusitadas e cheias de humor – e problemas que devem ser resolvidos (e o são!). Em *Os ovos misteriosos*, temos uma personagem galinha que prepara um ninho para chocar seu único ovo e, ao abandoná-lo para se alimentar e voltar, o vê povoado por outros ovos, os quais ela não rejeita e choca. De tais ovos, nascem um papagaio, uma serpente, uma avestruz, um jacaré e o próprio pinto; ela trata a todos, igualmente, como filhos, apesar do espanto inicial e das dificuldades específicas de criação, retratadas com humor no texto escrito (“Enrouquecia de tanto tagarelar com o papagaio, que queria sempre conversa. Cansava-se a carregar petiscos para a comilona da avestruz”) e nas ilustrações de Manuela Bacelar. Surgindo uma situação de perigo – o pinto-já-frango é capturado por um menino, todos os diferentes irmãos usam de suas habilidades e atributos específicos para frustrar o roubo do pinto-já-frango. À guisa de final, “para festejar, a galinha juntou todos os filhos e fez-lhes um bolo com vários andares”, cada um de acordo com os gostos gastronômicos dos diferentes filhos. Estes terminam por fazer

uma roda e cantar a seguinte canção que sintetiza – digamos – o ensinamento implícito na história: *Somos todos irmãos,/ somos todos diferentes:/ há uns que têm bico,/ outros que têm dentes,/ há uns que têm escamas,/ outros que têm asas,/ na terra e na água/ fazemos nossas casas./ Eu só tenho pescoço./ Eu vôo pelo ar./ Eu nado a quatro patas./ Eu cá gosto de andar./ Somos todos diferentes,/ mas todos queremos bem/ à boa da galinha/ que é a nossa mãe.*

Não examinaremos aqui eventuais objeções biológicas à caracterização dos diferentes animais, mas nos deteremos no desfecho da trama: trata-se, a exemplo de achados que já fizemos em livros brasileiros (SILVEIRA, 2003), de uma resolução que é dada sobretudo pelo amor e, no caso específico, pelo amor materno (também não há espaço, aqui, para discutirmos a constituição de tal amor, se cultural, inata, etc...). Acresça-se a isso um tópico que retorna em outros contos sobre a diferença, da mesma autora: a funcionalidade (de certa forma, a utilidade) das diferentes características dos personagens.

Para introduzirmos a análise de *Seis Histórias às Avessas*, optamos por reproduzir parte de ficha avaliativa da obra, constante do site www.casadaleitura.org, filiado à Fundação Gulbenkian, por considerarmos adequada sua descrição da mesma.

Vivendo de um discurso coloquial, vivo, muito expressivo, povoado de expressões e elementos resgatados do mundo contemporâneo, estas narrativas recriam a idéia de longínquo (...) estas histórias estão repletas de imaginação, de humor (e, por vezes, até de sátira social), de figuras maravilhosas e de episódios insólitos e divertidos que despertarão o apetite leitor dos mais novos.

Dos seis contos que integram a obra, nos deteremos especificamente em três que guardam maior relação com a questão da diferença. Assim, em *A menina dos cabelos de ouro*, apresenta-se uma personagem que é uma “menina qualquer”, mas cujos cabelos são de ouro verdadeiro. Tal fato faz com que eles se tornem a fonte de obtenção dos desejos, sonhos e pretensões, inicialmente da família, depois dos pobres que a ela recorriam e, também, de um príncipe-marido, que ficou encantado com ela e sua cabeleira dourada. Incessantemente seu cabelo era cortado, para fazer frente a despesas com o reino, guerras, construções públicas, até que um dia ela “viu que estava careca”. “Então o príncipe deixou de a amar, porque nunca se viu um príncipe gostar de uma menina careca, os amigos deixaram de a procurar e o povo troçava”. É aí que, a partir de um fio de cabelo que ela encontra num casaco,

compra uma peruca (que é representada como de cor negra, pela ilustradora) e foge, abrindo-se a história à possibilidade de uma continuação pelos leitores.

O segundo conto do livro traz outro personagem exótico: um monstro marítimo que, capturado por pescadores, é encaminhado ao Zoológico e encarcerado, não se encontrando inicialmente meios de alimentá-lo, até que se descobre que seu alimento é... gasolina, o que, com o passar do tempo, se torna um problema. “- Um monstro destes é uma ruína para o país, tem de se matar a bem da nação – decidiu o presidente da República”. A solução do problema se alinha à consideração da “utilidade” das diferentes características dos sujeitos, mesmo as mais estranhas; assim, em face do afundamento de petroleiro em Cascais, o monstro se encarrega da difícil limpeza do óleo no mar. Com sua utilidade reconhecida, o monstro é, enfim, condecorado e inclusive obtém um emprego para limpar petroleiros.

Com diferentes desfechos, os dois contos citados convergem ao mostrar a dificuldade da aceitação do diferente pelos grupos; em ambos, a aceitação da diferença é condicionada à sua rentabilidade econômica, numa evidente alusão à lógica de mercado vigente na contemporaneidade. Ambos os personagens sofrem e são ameaçados: a menina dos cabelos de ouro, rejeitada porque agora inútil, foge à procura de outro ambiente; já o monstro é, tardiamente, enquadrado na sociedade, porque se reconhece sua utilidade.

O outro conto em que nos deteremos é *A sereia*. Nele, temos a história de uma sereia que é recolhida por um rapaz (Rogério) que, simultaneamente, a aprisiona e se dedica a humanizá-la. Tal domesticação e civilização implica que ela desenvolva habilidades humanas e aproveite suas aptidões naturais para dar lucro ao seu “dono” (que enriquece com a venda de suas fotos e fê-la treinar para ir às Olimpíadas, cantar e dançar para participar de espetáculos de dança aquática, etc.). Também teve de se adequar às imposições dos “bons costumes”- usar *soutien* e vestir-se. Entristecida, ela foge para o rio Tejo, quando então Rogério lhe suplica que volte e ela responde: “Se me amas – replicou ela – vem comigo viver no mar”. Seguem-se aí negociações cheias de ironia, em que os mais adultos podem identificar a força da burocracia, do corporativismo e da dificuldade do estabelecido acolher o novo. A sereia (que havia aprendido a falar) coloca várias possibilidades em que aceitaria voltar: ser ministro da Marinha, ser piloto da barra, ser nadadora-salvadora, ser Miss Portugal... mas, a cada uma dessas, o grupo envolvido correspondente manifestava-se contra. O presidente da República, então, faz uma proposta

que lhe parecia conveniente; porém, ao subverter a sua intenção, a Sereia provoca temor:

- No Jardim Zoológico ou no Aquário com certeza que te querem – disse o presidente.
- Aí eu posso traduzir as vozes dos peixes prisioneiros, dos golfinhos transformados em palhaços, das gaivotas de asas cortadas. Posso chorar a saudade imensa da liberdade.
- É perigoso... – sussurrou o presidente – subversivo...
- Como ela ficava melhor era embalsamada. Não levantava ondas e atraía o turismo na mesma – cochichou o chefe da Polícia.

Sentindo o perigo iminente, então, a sereia dá adeus e desaparece nas águas.

Várias são as formas com que se pode entender o valor simbólico dessa sereia, capturada num cenário contemporâneo (fala-se, até, no Oceanário de Lisboa!). Registre-se que a busca de normalização do diferente (ela teve de aprender a usar garfo e faca e teve de vestir...), aliada à cobiça dos tempos da mídia e do marketing, que vêm no excepcional, no “anormal” a possibilidade de “vender”, também é temperada pela referência aos grupos corporativamente organizados, que não aceitam e rejeitam o diferente que chega, o qual pode ameaçar seus empregos, seus lugares, suas posições.

Passemos, agora, à última obra de Luísa Ducla Soares que analisaremos. *Tudo ao contrário*, nos informa o fichamento disponível no site da Fundação Gulbenkian, é obra publicada já nos anos 80. Embora se encaixe na mesma vertente de exploração do insólito, da mistura entre maravilhoso e cotidiano, em relação às obras anteriores o tratamento da diferença é aqui concretizado de forma dicotômica, em personagens humanos, sempre em díades de gênero, mobilizando atributos também encontrados no cotidiano – a estatura, a magreza, a cor da pele, o apego a parâmetros de limpeza ou ao desmazelo. Observe-se que os personagens não têm nomes – eles são definidos pelos atributos e pela oposição entre si. É assim que encontramos na obra os contos “O homem alto, a mulher baixinha”, “O rapaz magro, a rapariga gorda”, “A rapariga limpa, o rapaz sujo” e, finalmente, “A menina branca, o rapaz preto”, nos quais, conforme Florêncio (2002) é possível identificar uma hiperbolização lúdica. Ou seja: a altura do homem alto e a pouca estatura da mulher baixinha não encontram correspondência no mundo real e as ilustrações de Raffaello Bergonse expressam tal exagero com expressividade – do homem alto, apenas se vê o pé, em proporção a personagem humano, p.ex. Também a magreza do rapaz, “que passava, sem se molhar, entre as gotas da

chuva” e a obesidade da rapariga, tão exagerada “que, às vezes, lhe chovia sobre o braço direito, enquanto o esquerdo apanhava sol” são hiperbolizadas e fogem à verossimilhança de uma prosa realista. Em “A rapariga limpa, o rapaz sujo” novamente temos o humor resultante do exagero nas descrições dos opostos, sempre feitas em paralelo, numa estrutura antitética: enquanto a rapariga limpa “lavava os dentes antes do jantar para não sujar a comida”, o rapaz sujo “usava a escova de dentes para pintar os sapatos com lama”; “a rapariga limpa tinha um peixe como animal de estimação. Ao menos, estava sempre lavado”, enquanto “o rapaz sujo tinha um porco como amigo. Era tão fofo e quentinho, que o usava como botija”. Por fim, em “A menina branca, o rapaz preto”, sem que haja qualquer alusão direta à questão étnica, a autora segue o esquema composicional dos outros contos e vai alinhavando descrições radicais da alvura da menina e da negritude do rapaz, agregando-se aqui o que cada um estaria pensando do outro: “Se ele for a atravessar a estrada, confunde-se com o alcatrão e corre o risco de ser atropelado”, pensava a menina. “Se ela se perder num campo de neve, quem a procurar jamais a achará”, pensava o rapaz.

Pois bem: há que se sublinhar, portanto, que – embora tome como temáticas diferenças “reais”, Luísa Soares não as explora no plano de uma ficção realista, mas no plano do fantástico, inclusive descompromissada dos ditames da nomeação “politicamente correta” (já os haveria tão fortes na época de escrita das obras que estamos analisando?). Nas quatro dicotomias exploradas na obra, nenhum dos pólos é exaltado frente ao outro (ainda que em seus correspondentes “reais”, haja esta diferenciação, como no caso – atualíssimo – do magro frente ao gordo, do limpo frente ao desleixado) e em todas as descrições há comparações insólitas e bem humoradas. E como se resolvem, pois, esses encontros de opostos? Com o homem gigante e a mulher baixinha, que é médica e foi tratar os pés do primeiro, acontece que, ao se olharem de perto “frente a frente, sorriram ao repararem como eram tão parecidos – tinham ambos cabelos ruivos, olhos verdes, três sardas na ponta do nariz”. É interessante a leitura desse desfecho feita por Florêncio (2002, p.7): “O sublinhar das diferenças feito pelo narrador é ultrapassado pelo olhar das personagens, que, com fecundo relativismo, se acham parecidas. É preciso estar ao nível do outro, enfrentar o outro, olhos nos olhos. E as semelhanças surgem: bastam três pequeninas sardas na ponta do nariz”. Já no caso do rapaz magro e da rapariga gorda, o desfecho é dado pela súbita paixão dos mesmos, enquanto a rapariga limpa coloca o rapaz sujo a lavar numa máquina de lavar roupa. A menina branca e o rapaz negro vão jogar xadrez (!), no que parece ser uma alusão ao tabuleiro em que espaços negros e brancos se complementam

harmonicamente (ou haverá outro sentido que nos escapa?). Neste livro, pois, sem a suave amargura e as sutilezas das histórias da obra anterior, de certa forma se substantivam diferenças (os personagens se definem exclusivamente pelo atributo exagerado), mas se aponta a possibilidade de uma interação não discriminatória nem preconceituosa entre eles.

O próximo livro sob análise chama-se *Elmer*, é da autoria do britânico David Mckee, e faz parte de uma série, da qual, pela Editorial Caminho, em Portugal, já foram editados 7 títulos, tendo traduções em várias línguas e países, com grande sucesso. Trata-se de *Elmer*, história de um pequeno elefante feito de quadradinhos coloridos, que se questiona quanto à sua “diferença” e cujas peripécias o levam a uma aceitação positiva da mesma. Obra de fabulação simples, com tom otimista e utilizando um animal personagem caro às crianças pequenas, não é de se admirar seu sucesso internacional. Temos, assim, mais uma obra em que a diferença é simbolicamente trabalhada e sua problemática é resolvida pela aceitação do próprio “diferente” e do seu grupo.

Outro livro que aborda a diferença, no caso, a étnica, e é, entre os que analisamos, o que o faz de maneira explícita quanto ao objetivo pedagógico, intitula-se *Por que somos de cores diferentes?*, da autoria de Carmen Gil. Trata-se de tradução de original espanhol, vertido para o português em 2006, sendo também arrolado na lista do PNL. A obra retrata, com um cunho realista, através de uma narrativa em primeira pessoa de uma personagem menina, uma situação comum no cotidiano de crianças escolarizadas – um passeio escolar. A partir da presença, na turma das crianças, de uma menina negra, o enredo se centra na discussão das possíveis respostas à pergunta: “Por que somos de cores diferentes?” Se as diferentes respostas dadas pelas crianças são apresentadas com sabor, a longa e magistral resposta do monitor, que, inclusive, a qualifica como “a mais científica”, decepciona pelo didatismo direto, pelo simplismo a que é reduzida a problemática da negritude e pela opção lamarckista singela que adota³. Alguns excertos ilustram o ranço pedagógico e a visão redutora de diferenças que foram/são tão dolorosamente vividas por numerosos grupos. Fala o monitor, em sua longa aula de ciências:

“A cor da pele depende da melanina. Quanto mais melanina tiver, mais escura será. (...) ”os seres humanos espalharam-se pela Terra e a cor da sua pele mudou conforme o clima do lugar

³ Agradeço à colega dra. Daniela Ripoll a leitura crítica e esclarecedora dos vários argumentos “científicos” trazidos na obra em análise.

onde se instalaram. Onde há mais sol, a pele é mais escura. Onde há menos sol, a pele é mais clara. E nos lugares onde não faz nem muito calor nem muito frio, temos um bronzeado intermédio."

A explicação do Raul tinha-nos deixado boquiabertos... (...)

Agora já sabemos que a única diferença que há entre as duas [meninas: uma branca e outra negra] é apenas um punhado de raios de sol. Além disso, temos a certeza de que o mundo é muito mais interessante por ser formado por pessoas diferentes.

Nas escassas linhas que nos restam para discutirmos as opções trazidas pelas obras dirigidas às crianças que tematizam a diferença, limitamo-nos a lançar algumas das muitas questões que sua análise nos trouxe e que podem ser estendidas também à produção literária disponível à infância brasileira. Será o tratamento simbólico, metafórico, alegórico o mais fecundo para abordar literariamente tais questões, abrindo às crianças leitoras/ouvintes diferentes possibilidades de entendimento e conexões com suas vivências? Ou, para crianças maiores, que se defrontam de forma mais direta com preconceitos e discriminação, a focalização realista permite uma negociação e uma identificação mais poderosas? E... enfim... por que com tanta frequência se delega ao “discurso científico” – mesmo em obras que se intitulam literárias – o poder de dizer e explicar longamente a “verdade”, no intuito de “resolver” as questões do âmbito social e cultural dos grupos?

REFERÊNCIAS

AMARAL, Lígia Assumpção. Pela voz da literatura, pensando preconceitos em relação à diferença. *Leituras compartilhadas*. Leia Brasil, Programa de Leitura. Fascículo 4. Agosto de 2002. P. 40-41.

COLOMER, Teresa. *A formação do leitor literário*. São Paulo: Global, 2003.

FLORÊNCIO, Violante. O elogio da diferença na obra de Luísa Ducla Soares. *Malasartes – Cadernos de Literatura para a infância e a juventude*. Porto. Campo das Letras e Instituto Português do Livro e das Bibliotecas. Abril de 2002, n. 5. p.3-8.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) *Identidade e diferença*. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Nas tramas da literatura infantil: olhares sobre personagens “diferentes”. *CD Rom II Seminário Internacional Educação Intercultural, gênero e movimentos sociais*. Florianópolis: UFSC, 2003.

SKLIAR, Carlos. *Pedagogia (improvável) da diferença e se o outro não estivesse aí?* Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

Obras analisadas

GIL, Carmen. *Por que somos de cores diferentes?* Porto: Campo das Letras Editores, 2006.

McKEE, David. *Elmer*. Lisboa: Caminho, 2007.

SOARES, Luísa Ducla. *Tudo ao Contrário!* Lisboa: Livros Horizonte, 2002.

_____. *Seis Histórias às Avessas*. Porto: Livraria Civilização Editora, 2003.

_____. *Os ovos misteriosos*. Porto: Edições Afrontamento, 2007. 10^a. ed.

Sites consultados

<http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/ListaConteudos.aspx?area=24>

Acesso em 20 de outubro de 2007.

<http://www.casadaleitura.org/> Acesso em 5 de dezembro de 2007.